

carla dias

BASEADO EM PALAVRAS CÂNDIDAS



carla dias

BASEADO EM PALAVRAS OÂM DITAS

1ª edição
São Paulo
2019

*Ah! Se eu pudesse abarcar
A força d'alma vadia
Como um costume leal
Eu até que não brincaria
Como um poema novo
Vecchio de tanto amor, amar
Vecchio, encanto novo
Sempre aqui onde está*

Da canção "Vecchio Novo",
de Claudio Lucci e José Márcio Pereira

Dedicatória divagante

Marejar sentimento é costume de quem mergulha em apreço.

Por via das dúvidas, dedico este ao tempo e em tom de recomeço.

PESSOAS ESCULPIDAS EM PERSONAGENS

Quem nunca levantou sobre sua própria existência a suspeita de que, por trás de tudo, houvesse um roteirista ora sádico, ora condescendente, trabalhando num eterno empenho de morder e assoprar seu personagem?

Suspeita infundada sobre a qual jamais teremos uma certeza definitiva (quem, afinal, irá provar que tal roteirista não existe?). O mesmo não vale para Antônio Quintana, o mais novo, profundo e instigante protagonista de Carla Dias. Ele que, sim, conhece seu roteirista, pois teve a oportunidade de entregar sua história, vazia de tudo, nas mãos de um dos melhores escritores de histórias. Sr. Pilkvist encontra em Antônio a oportunidade de escrever seu melhor roteiro, posto que, ao contrário de todos os seus outros projetos de sucesso, ali não mais escreverá sobre uma pessoa. Escreverá *em* uma pessoa.

Este livro é sobre o encontro destes dois homens, Sr. Pilkvist e Antônio, que, em comum, trazem um passado turvo, embaçado por palavras não ditas. Um por renegar suas origens, o outro por desconhecê-las.

À medida em que vamos conhecendo estes dois homens, vamos provando daquilo que Carla faz de melhor. Como uma escultora virtuosa (Camille Claudel?), ela lapida cada personagem com uma minúcia, revelando em cada um camadas abismais que dispensam que a autora nos localize

no tempo ou no espaço. A narrativa de Carla poderia se passar em períodos diversos, em qualquer lugar do mundo. Não faria diferença, pois todo o vigor de sua escrita está nas pessoas (e aqui já não consigo mais me referir a elas como personagens) que ela cria.

Cada pessoa, Antônio, Sr. Pilkvist e todas as outras que vão tecendo esta trama são um universo, nos cativam e nos desconfortam por motivos particulares. Ninguém é aleatório. Não se trata de um roteiro em que há espaço para figurantes. Todos dizem a que vieram, despertando no leitor uma profusão de sentimentos, na qual coexistem empatia, raiva, curiosidade, dúvida e afeto.

As pessoas esculpidas por Carla em *Baseado em palavras não ditas* nos fazem rir numa cena de velório e chorar numa conversa corriqueira entre um adulto e uma criança. Nos fazem avançar ávidos a cada página, como um menino que mergulha num rio hipnotizado por sua magnitude. Carla consegue transformar as mazelas humanas em beleza. E o efeito é este: arrebatamento.

Sabe quando você gosta muito de uma coisa, mas tanto, que poderia morar nela?

Eu passaria meus dias num livro de Carla.

Fernanda Pinho

Jornalista, sócia-proprietária da Mão Dupla Comunicação, pessoa bacanérrima e escritora de lindezas.

EXÓRDIO

Não sei onde fica o inferno. Há quem diga que está na alma. Há quem diga que está no corpo. Há quem diga que está na mente. Há quem diga que o conheceremos somente depois da morte, na hora de pagarmos a conta dos nossos cotidianos e impronunciáveis pecados. Há quem diga que ele não existe. Sei de nada sobre o inferno, a não ser que, na falta de definição, ele se molda à nossa realidade. Assim, concluo que silêncios são fundamentais. Pausas são providenciais. A ausência de presença desejada é mesmo um inferno, onde faltas se insinuam aos berros. Ninguém foge de um inferno edificado em saudade, principalmente do inferno de sentir saudade de si mesmo; daquele que nunca foi e jamais se tornará. De todas as palavras que não se sabe se foram ditas, a quem, no quando.

conheça **ANTÔNIO**

Entrega o RG à atendente que, sem qualquer interesse nele, copia dados daquele jeito que a burocracia inspira: automaticamente. Ela devolve a ele o documento, sem tirar os olhos do computador. Diz para o homem se sentar e esperar.

— Se prepara que vai demorar, viu?

Viu.

A espera foi de quatro horas e trinta e sete minutos. A febre no talo, olhos como se fossem saltar da cara. Foi atendido por um médico tão desinteressado nele quanto a atendente. Até aí, ele está acostumado a não despertar interesse nas pessoas. Não sem apresentar biografia. O doutor — que, além de atendê-lo sem qualquer curiosidade, travara uma briga complicada com um pacote de batata frita — diz que essa virose tem pegado todo mundo.

— Sopinha e cama, que acabaram os antitérmicos, tá?

Nem olhou para ele, apenas abanou a mão para enxotá-lo e se dedicar, desatentamente, ao próximo paciente, entre uma batata frita e outra.

Sai do hospital se sentindo pior do que quando chegara. Passa na farmácia, compra os remédios de sempre e depois segue para casa. Devia ter feito isso, em vez de passar horas à mercê da negligência do ser humano que empurra o sistema público de saúde com a barriga.

A ideia de se enfiar debaixo do cobertor lhe parece sedutora. Sabe que na geladeira tem sobras de ontem, que, ao ceder a febre, e ele finalmente sentir fome, não precisará cozinhar ou sair de casa para comprar comida. Esse pensamento o conforta, mas não ajuda a cessar os calafrios, tampouco impede que os passageiros do ônibus lotado o observem como se ele fosse um bandido viciado em plena crise de abstinência.

O olhar do outro.

Sua casa é a última de uma arborizada rua sem saída. É a charmosa casa dos fundos de um quintal amplo. Não é grande, mas certamente tem o tamanho que o conforta.

Primeiro, alugou uma casa por conta, sem a ajuda dela. Queria evitar a proximidade com alguém que o vira em seu pior momento. A locação foi feita diretamente com o dono, alguém que levou a autopiedade a outro patamar. O senhorio jamais compartilhou notícia boa, tampouco sorriu, ainda que por mera diplomacia. Toda vez que tinha de conversar com o tal, ele começava em um ritmo e terminava se arrastando, como se a autocomiseração do locador tivesse lhe pegado feito virose de sistema público de saúde.

Desistiu da insistência, no terceiro mês. Aceitou morar na casa, a última daquela rua arborizada e sem saída. Casa de fundos, no quintal de Marta.

Fosse possível resumir sua vida, algumas linhas bastariam. Nunca apresentou currículo ou fez monólogo sobre si e seus predicados profissionais e pessoais. Está para nascer alguém tão vazio de passado.

Vira-se bem com tudo, sobrevive com o mínimo, levanta de tombos como quem desfila em passarela. Não reclama, ao menos não em voz alta, que não aprecia ver sua fragilidade e seus problemas expostos em outdoors de conversas alheias. Quando se queixa, é na intimidade do silêncio, apesar de duvidar que até mesmo Deus lhe escute, e não O culpa por isso, não O questiona. Nem sabe dizer se acredita que Ele existe.

Os vizinhos até tentam, mas não conseguem travar prosa com o homem. O máximo que conseguem são cumprimentos — desferidos, de acordo com o período do dia em que esbarra com seus vizinhos — e seu nome: Antônio Quintana. Todas as informações extras vêm de antigas manchetes em jornais e vídeos duvidosos na internet.

Antônio é daquele tipo de homem. Aquele que conversa consigo mesmo. Não, não aquele tipo de homem que conversa consigo mesmo em voz alta. O outro tipo. O silente. Não é dado às conversas soltas e já levou inúmeras broncas do patrão pela falta de desenvoltura no marketing sem desvios, que ele diz ser aquele no qual uma boa conversa com o cliente se enquadra.

— Mais direto que isso impossível, né não, Tonho?

O patrão até tentou convencer Antônio de que ele deveria fazer um curso para melhorar o trato com as pessoas.

— Um tal de “coutin” alguma coisa, Tonho.

Porém, o funcionário o convenceu a desistir da ideia ao abordar o investimento que o próprio teria de fazer para qualificá-lo. Foi desistência sem volta.

Antônio também não gosta de ser chamado de Tonho, Toni, Toninho, Antonin ou qualquer outra variação. Seu nome é Antônio. Seu nome é o que lhe é próprio, como reza um documento inventado, e o resto é tudo emprestado. O nome ele ganhou de presente e dele se apropriou. Sobrenome? Emprestado.

Antônio continua empregado, porque é bom com números e respeita o dinheiro do patrão. O mercado de bairro do Sr. Cabral pode até ser simples, mas fatura alto por ser o que oferece mais opções de produtos na região. Sair do bairro pode ser um desafio, Antônio se deu conta disso logo que se mudou para lá. Ele convenceu Sr. Cabral a fazer algumas adequações — muito menos dispendiosas do que o tal Coaching — e os negócios deslancharam.

Antônio veio de lugar nenhum. Perdeu a memória, depois de ter sido um dos reféns, durante o roubo, em uma loja de conveniência. De acordo com os outros reféns, ele tentou defender a dona do lugar, questionando o trio de ladrões sobre a necessidade de feri-la. Levou surra impiedosa e ainda levaram tudo dele: celular, carteira, sapatos e roupas. Sangrou por um bom tempo, assim, deitado no chão frio da loja, nu e inconsciente. Como a esposa do Sr. Cabral costuma dizer sobre a memória de Antônio:

— Perdeu e não achou até agora? Acha mais não...

Antônio até procurou, mas nunca encontrou sua identidade.

O que dizer de um homem que se perde de si e ninguém nota sua ausência? Que nem mesmo sabe quem se importa com ele? Antônio se tornou Antônio ao conhecer Marta, enfermeira do hospital onde ficou internado, após o ocorrido. Ela emprestou a ele alguns livros para ajudar a passar o tempo, enquanto ele se recuperava. Marta teve um filho que nasceu morrido, para o qual já tinha comprado móveis e roupas, tinha enfeitado quarto e feito planos para quando ele entrasse na faculdade de Medicina. Apesar de achar aquilo, de mãe fazer plano para filho, ainda na barriga, parecido com prisão, o paciente se compadeceu dela.

— Tem até casaquinho com o nome dele bordado, sabe? Guardei... Lembrança de dor, entende? Como se ela pudesse passar... A dor. Passa nunca.

Para não gastar o nome que escolheu para o filho, Marta o deu de presente ao homem sem identidade. Ele gostou da sonoridade, e sem a menor vontade de fazer uso do direito à escolha de um nome, aceitou a oferta. O sobrenome ele pegou emprestado de um dos autores dos livros que Marta levou ao hospital, para que ele enganasse o tempo.

Não nega a escuridão que habita seu espírito. Seja o ele de antes ou de agora, tem certeza de que os tons lhe fazem bem. Não é dado ao esnobismo de acreditar em felicidade como garantia de vida. Basta observar o entorno, a vida dos outros, para perceber que felicidade vem de um cultivo delongado, e, às vezes, não passa de uma aposta que se perde.

Antônio Quintana nasceu há dez anos. Acredita-se que ele tinha lá seus trinta quando foi espancado. Hoje, tudo nele é provável, passível de engano. Não teve infância, tampouco adolescência. Nasceu adulto, talvez tenha quarenta anos de idade no hoje. Escolheu dia dois de julho para ser seu dia de aniversário, em homenagem ao dia do nascimento do morto filho de Marta. Ela chorou muito e Antônio nasceu para se manter respirando.

Nascer adulto e vazio de história leva qualquer um ao desespero. Ele se desesperou, pensou até em pedir para Marta ajudá-lo a partir desse mundo em seus termos. Porém, depois de cuidado, sentiu seu corpo fortalecido, e ainda que seu espírito e memória seguissem vazios, reconheceu-se vivo. Como dar cabo da vida quando ela ainda pulsa em você, apesar de mantê-lo vazio? Além do mais, o bebê Antônio veio ao mundo sem um fio de vida que fosse. Não respirou, não chorou, não olhou para os olhos aguados de sua mãe, tampouco teve a oportunidade de desapontá-la ao se tornar ator, funileiro, barista, dançarino exótico ou padeiro, em vez de médico.

Como Antônio poderia desonrar Antônio?

para os que **QUÊM TIRAM FÉRIAS**

Olha-se no espelho, questionando-se, silenciosamente, se deveria ou não fazer a barba. Fosse apenas por ele, estaria decidido: continuaria a não se importar com a barba. Gosta de seu rosto assim, pincelado com a brancura de uns fios. Só que Dona Jurema, esposa do Sr. Cabral, vem cobrando dele certo cuidado.

— Com essa barba toda, meu filho, você parece um desses moradores de rua. E moradores de rua não trabalham em mercado de bairro bom feito o nosso... não senhor.

Nesses anos como funcionário do mercado, Antônio aprendeu muito sobre o ser humano. Pelo entra e sai de clientes, pautando-se na exigência deles sobre produtos e atendimento, por todas as sessões de terapia das quais foi vítima, ele pode dizer que conhece mais de perto a natureza humana.

A natureza humana adora ser desumana.

Enquanto apara a barba, despindo-se da figura que Dona Jurema não aprecia, como se houvesse essa pessoa, esse andarilho vivendo nele, Antônio pensa se ele também não seria — antes de ser reiniciado com direito à aniquilação de sua memória — um ser humano deslumbrado pela desumanidade. Esse pensamento o desconforta. Inquieta-se por não saber. Ainda assim, ele tem ciência de que não deve enveredar por esse caminho, que já teve sua crise existencial por conta dessa inquietação. Então, a vida se tornou difícil, quase sem perspectiva.

Construiu, durante os últimos anos, um homem que as pessoas aprenderam a esquecer. Acostumados a vê-lo vagueando pelas ruas do bairro, cabisbaixo, caminhando sem destino certo, os vizinhos aprenderam a lidar, ainda que na marra, com a curiosidade desatendida, que não havia história para arrancar dele. Com o tempo, habituaram-se ao silêncio de Antônio, assim como às suas gentilezas. Compreenderam que ele jamais iria jantar em suas casas ou namorar suas filhas, porque, com barba ou sem barba, Antônio é bem-apegoado e trabalhador, bom partido para qualquer mulher que careça de jeito em lidar com homens ou beleza que garanta marido. Por isso, também o consideram um pouco arrogante. É o que dizem por aí... Como alguém tão sozinho pode recusar companhia?

Observa seu reflexo no espelho, barba aparada. Finalmente, ele irá se livrar da diária reprimenda da Dona Jurema.

— Que você é moço formoso, cheio de viço, e aquela barba espantava freguês e esposa.

Com Dona Jurema satisfeita, Antônio alcançou o que buscava. Um pouco de paz e de silêncio.

Outro dia, Antônio assistiu a vários episódios de um reality show sobre bebês, mais precisamente sobre o momento do parto. Era maratona e lá ele ficou, por horas, olhos vidrados na televisão,

espantando-se com a dramaticidade com a qual uma pessoa chega ao mundo. Mesmo quando o parto era tranquilo, a ansiedade dos pais, as contrações, a feição da mãe a cada contração, o corpo dela expelindo um ser o fazia sentir emocionado e ao mesmo tempo amedrontado.

Foi impossível não pensar se ele mesmo já não teria trazido uma pessoa ao mundo. E trazer uma pessoa ao mundo lhe parece extremamente importante e perigoso. Isso o fez sentir... Felicidade? Medo? Teria sido nascimento embalado pelo amor ou pela condição? Teria sido aquela que carregou seu rebento a mulher de sua vida?

Ao pensar sobre o próprio nascimento, desligou a televisão e jogou o controle remoto na parede. Espatifou-o. Debulhou-se Antônio em lágrimas, desesperado que ficou — indignado até — por não saber de quem veio, de qual corpo foi expelido, qual foi o dia em que chorou pela primeira vez. Foi amado, abandonado, criado com regras ou indiferença?

Havia dias em que era assim, Antônio sentia saudade mordaz de nem sabe quem.

Sr. Cabral se comporta do mesmo jeito, a cada ano. Compadece-se pelas férias de Antônio, que já não sabe mais viver sem o funcionário, nem mesmo por um par de semanas. Não fosse esse faz-tudo, com indecente talento para a matemática, ele ainda estaria sofrendo com o fluxo de caixa. Nos sete anos que Antônio se dedica ao seu estabelecimento, Sr. Cabral mudou de vida e o mercado, de imóvel. Saiu da pequena casa entre a que morava e a de sua filha para a da esquina, o dobro do tamanho, com estacionamento para três carros e uma fachada sedutora. Antônio cuidou da transição, sempre garantindo que Sr. Cabral não perdesse dinheiro.

Nos anos anteriores, mesmo em férias, Antônio aparecia todos os dias no mercado e gastava horas por lá. Nunca cobrou pelas horas extras e Sr. Cabral não se atreveu a nem mesmo se

oferecer para compensá-lo por elas. Nesse período, o patrão tem de fazer a vez de gerente, o que ele evita com vigor, já que pode deixar o mercado aos cuidados de Antônio e aproveitar melhor o próprio tempo. Por esse motivo, sentiu-se perplexo, desapontado, quando Antônio anunciou que viajaria durante as férias e ele teria de realmente cuidar do mercado. O patrão tentou subornar o funcionário, prometendo dinheiro e regalias, mas Antônio estava decidido. Precisava de tempo para si.

— Mas pra quê, homem de Deus? Você não tem família, nem mulher, nem amigo, então, poxa, nem história você tem!

A companheira pousa a mão no ombro dele, tentando acalmar o dono do mercado. Ela sabe que melhor é manter a compostura, que eles devem ficar vigilantes, mas sem ultrapassar certos limites. Vai que Antônio se embraveça e vá embora com todos os segredos do negócio.

Sr. Cabral entende o recado. Respira fundo, compromete-se com um comportamento mais dócil, mas não menos encharcado de autopiedade.

— Tinha programado uma viagem...

Fala sobre a tal viagem em tom de sofreguidão, como fosse a primeira de sua vida, balançando a cabeça em sinal de desapontamento. Antônio se mostra decidido da melhor forma: respondendo às perguntas mal-intencionadas do patrão com poucas palavras, não oferecendo ao casal ingredientes para o tradicional drama que pontua todas as relações que eles mantêm com as pessoas.

O patrão exige saber pelo o que Antônio trocará suas férias de sempre, supervisionando a mercearia e enfiado em casa. O funcionário, barba feita, agora aparentemente respeitável aos olhos

de Dona Jurema, diz que irá viajar, não sabe para onde, mas partirá no primeiro dia de férias.

— Não entendo esse negócio de sair por aí sem destino...

Ele resmunga. Antônio sorri e Sr. Cabral sorri de volta, reconhecendo a raridade que é ver um sorriso do desmemoriado, como se, além da história ancestral, ele também tivesse se esquecido de como se permitir ser inspirado por qualquer leveza.

Antônio sabe que Sr. Cabral e Dona Jurema não são exemplos de amabilidade e bom caráter. Quando os conheceu, soube de imediato que não se tratava de um casal de velinhos encantadores, mas de parceiros de rugas e pequenas infrações. Ainda assim, decidiu trabalhar para eles, porque também se mostraram o tipo de pessoa que não se importa em ser transparente, apesar dos seus predicados, e Antônio precisava de algumas certezas.

— O que vou fazer sem você aqui, Antônio?

— Trabalhar, Sr. Cabral. Trabalhar mais.